

A escola que “chuta” também “rebate”, o jogo de badminton nas aulas de educação física escola.

Prof. Esp. Diego Pinto Jabois

Prefeitura de Itanhaém-SP

CREF: 057443 - G/SP

Resumo:

No início do ano letivo de 2013 na “E.M. Harry - Forssell” (Itanhaém – SP) estava preocupado com a “indisponibilidade” corporal dos alunos (as) do 9º ano (antiga 8ª série do ensino fundamental) relacionada à prática da educação física escolar. Indisponibilidade corporal muitas vezes justificada, pelos alunos (as), por diversos motivos tais como: “dores de cabeça”, “cansaço”, falta de vontade por acúmulo de tarefas, dentre outros. Outro fator de grande relevância chamou minha atenção, embora esteja nessa unidade em efetivo exercício há alguns anos, é o fato do “futebol” ser o único meio de “atividade esportiva” considerada e “perpetuada,” pelos educandos na sua singularidade. Isto posto um grande problema estava configurado, pois seus interesses muito se distanciavam de uma educação física múltipla, democrática e rica em suas diversas formas de expressões, previstas, principalmente, em documentos curriculares nacionais de grande importância, conceitual e prática, dessa disciplina. Nesse período estava retomando, pessoalmente, a prática de um esporte muito interessante, o “badminton”. Modalidade olímpica, de origem asiática, que consiste em rebater uma peteca por cima de uma rede, de média estatura, com uma raquete específica, para a quadra oposta sem deixar cair no chão. O badminton pode ser vivenciado em duplas, (mistas ou não), trios ou até mesmo individual (simples). Estava surgindo, então como ponto de partida a ideia de trocar “chutes” por “rebatidas” ao alcance de todos (as), pois não requer grandes habilidades prévias específicas podendo incluir alunos com deficiências (auditivas, motoras e cognitivas leves) bem como gêneros (meninas e meninos) juntos. O desafio estava lançado, logo em breve mapeamento realizado no local (comunidade e escola) foi constatado que muitos alunos (as) desconheciam por completo a modalidade com dificuldade inclusive em pronunciar a palavra, que denomina o esporte, “badminton”. Modalidade esta que estava disposto a

dividir conceitos e práticas e desmitificar, em parceria com alunos (as) dessa unidade, durante as aulas de educação física escolar regular.

Palavras-chave: badminton, jogos com bastão, educação física escolar.

Objetivos:

No desenvolvimento desse trabalho na escola os objetivos gerais estão relacionados à ampliação e desmitificação do repertório motor e cognitivo, no que diz respeito à prática de “jogos com bastões”, previsto nos referências curriculares dessa disciplina. Logo o objetivo específico se relaciona, diretamente, com à pratica inicial do jogo de badminton desenvolvido pedagogicamente no exercício conceitual de réplicas discursivas (debates), leituras, e análises videográficas da modalidade bem como vivência prática de jogos reduzidos, em diversas formas e formatos, (procedimental) edificando o esporte na comunidade escolar.

Metodologia:

Esse trabalho foi devolvido com educandos dos 9º anos A,B,C durante duas aulas semanais com duração de 50 min. cada, como previsto na LDB (lei de diretrizes e bases nacional). Tempo que parece curto, pois ao iniciar a abordagem do tema os seminários necessitavam de diversas intervenções. O uso da informática, bem como a coleta das materiais físicos (recorte de revista, utensílios, entrevistas, desenhos, dentre outros), levou um tempo significativo durante o processo. Uma vez pronto, o prazo e ordem das apresentações fora estabelecido, obedecendo a um sorteio inicial relacionado. O objetivo das apresentações por parte dos alunos (as) consistia em relatar e/ou demonstrar o máximo de informações possíveis sobre curiosidades e desenvolvimento das modalidades com implementos sorteadas (tênis, golf, hockey etc.) no tempo máximo de 15 min., abrindo mais 10 min. (caso necessário) para perguntas e esclarecimentos junto aos colegas de sala e professor (mediador e ao mesmo tempo

ouvinte das informações esplanadas pelos alunos). Durante aproximadamente 04 semanas, foi possível fazer um resumo dos melhores trabalhos e apresentações (incluindo maquetes e painéis expostos pela escola) com o objetivo de viabilizar uma devolutiva geral onde o resultado apresentava-se satisfatório até o momento, pois o interesse da turma a partir dos trabalhos e apresentações foi aumentando gradativamente se distanciando, como o esperado, do exclusivo interesse “daltônico” pelo futebol, gerando assim uma expectativa para o exercício do novo. Nesse momento, um segundo passo, foi o aprofundamento oportuno do badminton, pois ao final das devolutivas, relatei minha experiência pessoal e destaquei o desafio bem como a diversão que encontrei na retomada pessoal da modalidade. A partir de então, decidimos começar nossa vivência prática uma vez que a teoria geral dessas modalidades fora consolidada na etapa passada do processo. Algumas generosas doações por parte de amigos fez com que o material, para a prática inicial do badminton, como raquetes e petecas originais, fosse viabilizado aos alunos em sua experiência primária do “fazer”. Na sequência começara um trabalho de elementos básicos a partir de exercícios de “rebatida” e conceitos simples sobre posicionamento, no qual a raquete de badminton deve ficar frente ao corpo, possibilitando o sucesso na rebatida, com um simples toque, da raquete, na peteca e deslocamentos moderados.

Exercícios e desenvolvimentos práticos:

Grande parte da vivência proposta está direcionada para as principais características da modalidade que são rebatidas e posicionamentos consciente dos jogadores (as). Foram desenvolvidos diversos desafios utilizando baldes, cones, raquetes, elásticos, diversas petecas, dentre outros materiais. Redes adaptadas com elásticos na altura média sugerida para prática do badminton de 1,55m, aproximadamente, onde a finalidade principal estava presente na rebatida da raquete na peteca durante grande parte do exercício, projetando-a por cima do elástico (com sua trajetória em forma de parábola) sem encostá-la, objetivando que o colega, do lado apostado do elástico, literalmente não permitisse a caída da peteca no chão... Muitos foram os momentos em que alguns

alunos (as) tiveram dificuldades em sacar e/ou simplesmente rebater, pois as raquetes de badminton possuem características peculiares como cabo longo e “cabeça” pequena, exigindo dos alunos (as) envolvidos atenção e postura correta para aplicação dos fundamentos básicos durante a vivência. Após diversas intenções e intervenções, concentradas até o momento, em deslocamentos simples, saques e rebatidas, os alunos (as) foram ficando nitidamente mais habilidosos e atentos ao ponto de formar duplas (grande parte delas mistas compostas por meninos e meninas) para jogos e desafios. Um deles é o acerto de petecas no “balde” (utilizado como meta para melhorar o controle do saque) onde a distância média é de 2,5m que separa o ponto inicial do saque no balde onde a peteca deve ser colocada exclusivamente com o fundamento correto do saque. Vence a equipe que conseguir converter o maior número de petecas, de badminton, possíveis dentro do balde, respeitando um determinado tempo estabelecido pelos mesmos. A construção de desafios, nessa etapa, partira dos próprios alunos (as) envolvidos na abordagem. Nesse momento temos “duplas” que disputam partidas com contagem regular de pontos, pois em exercícios antecedentes ,teóricos e expositivos (vídeos), foram disponibilizadas informação sobre o histórico da modalidade, dimensões da quadra, código de pontuações, duração das partidas, variações de raquetes e empunhaduras (maneira de segurar a raquete) dentre outras informações específicas do badminton, edificando seu contexto histórico, técnico e pratico.

Avaliação:

O processo de aprendizagem dos alunos neste trabalho até o momento teve avaliação processual diária, uma vez que teoria e prática (práxis) mostram-se intimamente ligadas, além disso, alunos (as) do 9º ano possuem, por natureza etária, condições de protagonizar o cenário curricular com facilidade, uma vez que devidamente estimulados e orientados. O ponto forte da avaliação (produção material) até o momento, além de maquetes e cartazes do seminário que antecederam o estudo do badminton, como forma de estimular a abordagem, consistiu principalmente na produção de relatos de experiência nos quais alunos (as) envolvidos, textualizaram suas dificuldades, opiniões, críticas e/ou expectativas futuras relacionadas à prática do badminton na escola durante as aulas de educação física escolar. Nesses relatórios tive a oportunidade de avaliar

como essas experiências foram percebidas e *incorporadas* pelos alunos (as), projetando adaptações futuras, tais como: pinturas de quadras, em medidas oficiais, instalações de mecanismos permanentes na montagem de redes (confeccionada para a prática do badminton) promovendo um entusiasmo ainda maior com os novos códigos esportivos apresentados durante as aulas (retomando a disponibilidade corporal para atividades físicas diversificadas).

Considerações provisórias:

A introdução do jogo de badminton nas aulas de educação física escolar, na E.M. Harry - Forssell (Itanhaém – SP), ainda encontra-se em fase de experimentação, pois em pouco tempo a ação apresentou resultados pedagógicos ricos e de relevante importância. O foco avaliativo destacado está no avanço do desenvolvimento cognitivo, motor e social dos educandos, uma vez que permite também (dentre outras possibilidades), “diálogos” democráticos sobre sua prática dentro e fora da escola relacionados aos objetivos previstos.

Referências bibliográficas (principais):

Brasil. Parâmetros Curriculares Nacionais – Educação Física. Ministério da educação. Brasília:MEC/SEF, 1997, v.07.

Fonseca,k.; Silva, P.B. Badminton: manual de fundamentos e exercícios.(particular) Paraná, 2009.

De Rose Jr. et al. Esporte e Atividade Física na Infância e na Adolescência. São Paulo: Artmed, 2009.

Reverdito,S.;Scaglia,A. Pedagogia do Esporte. São Paulo: Phorte, 2010.

Hoffmann, J. Avaliação Mediadora. Porto Alegre: Mediação, 2011.

Neira,M.;Lima,M.;Nunes,M.(orgs.).Educação Física e culturas. São Paulo: FEUSP, 2012.